

**ARTIGOS EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS: UMA BREVE
DISCUSSÃO SOBRE ACESSO, LEITURA E SUPORTES**

**PAPERS IN SCIENTIFIC JOURNALS: A BRIEF DISCUSSION OF
ACCESS, READING AND SUPPORT**

CHIAPINOTTO, Diego

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir os impactos dos distintos suportes, digital e impresso, suas vantagens e desvantagens, além de possíveis relações com o acesso, a leitura e a estrutura de artigos publicados em periódicos científicos. O tema é relevante em virtude da consolidação do meio digital como suporte principal de compartilhamento do conhecimento científico produzido. Para esta breve discussão, será traçado um panorama de produção do gênero de texto e sua situação na atualidade, inter-relacionando-o à leitura e às tecnologias, com ênfase nas possibilidades do hipertexto.
Palavras-chave: Artigo. Periódico científico. Leitura.

Abstract: The aim of this paper is to discuss the impact of different media, digital and printed, its advantages and disadvantages, and possible relations to access, reading and structure of papers published in scientific journals. The theme is relevant due to the consolidation of the digital medium as main sharing support of produced scientific knowledge. For this brief discussion, we will overview the genre production and its situation today, inter-relating it to reading and technology, with emphasis on the hypertext possibilities.

Keywords: Paper. Journal. Reading.

INTRODUÇÃO

Foram suficientes poucas décadas para que houvesse uma transformação radical na forma de acesso a periódicos científicos. Das tradicionais assinaturas de periódicos enviados pelo correio às bibliotecas das universidades ao acesso a bases de dados gigantescas, disponíveis online e acessíveis de qualquer lugar, a transformação foi substancial a ponto de levantar reflexões acerca de seus impactos. Isso se aplica não somente ao evidente amplo acesso, mas também à forma como se dá a leitura dos artigos científicos publicados nesses periódicos.

É notório que o texto científico demanda estratégias de leitura adequadas à natureza de sua estrutura discursiva e ao contexto de produção e leitura (pesquisa científica) em que está inserido. Dessa forma, discutir os impactos do suporte digital na publicação de artigos científicos, em seu acesso, seu processo de leitura e em sua estrutura parece ser relevante em

virtude da consolidação do meio digital como suporte principal de compartilhamento de conhecimento científico.

Desse modo, o objetivo delineado para este trabalho é discutir os impactos dos distintos suportes, vantagens e desvantagens, e suas possíveis relações no acesso, na leitura e na estrutura de artigos publicados em periódicos científicos. Para a discussão dos impactos e relações no acesso e na leitura de artigos científicos publicados em periódicos, será traçado um breve panorama de produção do texto e sua situação atual.

Primeiramente, o gênero textual artigo científico será discutido em relação a sua aplicação e visibilidade nos dias atuais. Em seguida, as bases de dados científicos serão contextualizadas, por meio de dois exemplos. Um comparativo entre o suporte digital e o suporte impresso na publicação de artigos científicos será feito na seção seguinte. A discussão a respeito do artigo no meio digital, suas possibilidades e como a leitura online pode influenciá-lo serão os tópicos abordados na seção posterior do texto, seguida por fim, pela conclusão.

O ARTIGO CIENTÍFICO NA ATUALIDADE

A realidade científica contemporânea tem trazido desafios constantes aos pesquisadores de universidades e institutos de pesquisa. Por um lado, os processos de financiamento ou captação de recursos, sejam públicos – caso majoritário do Brasil – sejam privados, tornaram-se cada vez mais complexos, exigentes e concorridos. No momento de conceder recursos financeiros a um pesquisador, o número de publicações em periódicos científicos de relevância é um dos inúmeros itens essenciais na avaliação, junto a outros tantos aspectos da carreira acadêmica. Esse sistema, frequentemente criticado, tende a valorizar a quantidade de publicações em detrimento da qualidade. Desse modo, a produtividade intelectual, pautada pelo ditado norte-americano “*Publish or perish!*” (Publique ou pereça!), acaba sendo medida no Brasil pelo número de publicações em periódicos indexados e pontuados, por exemplo, no sistema Qualis, da Capes.

A publicação de artigos em periódicos científicos, além de ser um item importante nas inúmeras avaliações de pesquisadores, converteu-se em espaço privilegiado de compartilhamento de novos conhecimentos na comunidade científica. Não se concebe, hoje

em dia, um pesquisador de ponta que não publique frequentemente em periódicos científicos qualificados.

A questão da colaboração parece ser outro fator determinante para a visibilidade da ciência contemporânea. A ideia de um pesquisador isolado, tendo *insights* e publicando sozinho, já não encontra respaldo na realidade científica deste século.

A formação acadêmica também acaba por reforçar essa posição de destaque do artigo científico. Desde os primeiros semestres de um curso de graduação, em muitas universidades brasileiras, distintas disciplinas com o objetivo de ensinar a produzir um artigo científico são oferecidas. Muitos professores universitários também exigem artigos científicos como requisito para aprovação em disciplinas específicas de cursos de diferentes áreas do conhecimento. Em áreas como as Ciências da Saúde, o acesso ao conhecimento se dá, em função da atualidade e disponibilidade, prioritariamente por artigos. Já, nas Ciências Humanas, por exemplo, há uma crescente valorização do artigo científico, embora o livro permaneça como basilar para o acesso ao conhecimento nessa área.

Também na pós-graduação *lato sensu*, o artigo é trabalhado intensamente. Há muitos cursos de especialização que o exigem como trabalho de conclusão. Já, na pós-graduação *stricto sensu*, ser competente na sua produção é essencial para o processo de formação de professores universitários e pesquisadores em cursos de mestrado e doutorado.

Os periódicos científicos e as bases de dados

A publicação de artigos científicos em periódicos online determina novas estratégias tecnológicas de acesso. Se, antes, buscar um determinado artigo impresso significava fazer uma busca por instâncias de dados internas das bibliotecas das universidades, agora, os mecanismos de busca na internet são determinantes para indexar e aglutinar periódicos em áreas de conhecimento afins. Para ilustrar esta contextualização, serão apresentados dois bancos de dados dessa natureza que têm chamado a atenção em nosso país: o Portal de Periódicos da Capes e o Portal Scielo.

O Portal de Periódicos da Capes é uma iniciativa do governo federal, criada no ano 2000. Com sua criação, buscou-se centralizar a aquisição de periódicos, especialmente internacionais, numa proposta que tinha como embrião o Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP) para instituições de ensino superior nos anos 1990. Nesses quinze anos de

existência, o Portal de Periódicos sofreu um salto em sua base de 1.419 periódicos iniciais em 2000 para 37 mil periódicos em 2015. Um impulso importante para a migração de coleções de periódicos impressos para o acesso online se deu a partir de 2002, quando a Capes começou a destinar recursos antes direcionados a periódicos impressos quase que exclusivamente para a ampliação do portal.

Já o Portal Scielo (acrônimo para *Scientific Electronic Library Online*) é uma iniciativa da Fapesp, em conjunto com o CNPq, criada em 1998. Conta com 1.249 periódicos em todas as áreas de conhecimento. Sua proposta visa garantir acesso livre a periódicos indexados e qualificados não ligados a editoras com fins comerciais, geridos diretamente por instituições de ensino ou pesquisa. Diante das carências históricas em pesquisa no Brasil e no restante da América Latina, o portal tem servido como fomentador de visibilidade para a ciência produzida nos países em desenvolvimento da região. Sua abrangência, desse modo, nesses pouco mais de dezessete anos de existência, foi ampliada para diversos países latino-americanos, além de Espanha, Portugal e África do Sul.

O ARTIGO CIENTÍFICO: EMBATES ENTRE SUPORTES

A publicação de artigos em periódicos impressos, sob o ponto de vista funcional, tem uma série de desvantagens. O sistema de recebimento, avaliação, publicação e disponibilização de um periódico impresso demanda um tempo substancial. Muller (2000), citada por Bomfá e Castro (2004), aprofunda essa problemática ao mencionar que a análise do corpo editorial de um periódico pode atrasar em aproximadamente um ano a publicação de um artigo. Além disso, a mesma autora ressalta os custos cada vez mais proibitivos de manter uma impressão regular de um periódico e as dificuldades de as bibliotecas abrigarem um acervo considerável de publicações. A gestão dos processos de recebimento, revisão e avaliação por pares dos artigos submetidos também se tornam um desafio sob os pontos de vista financeiro e logístico para um sistema baseado na publicação impressa.

As vantagens do artigo impresso são poucas, contudo não são irrelevantes. Embora a presença da tecnologia digital seja maciça em nossos dias e a digitalização de processos comuns do dia a dia tenha se tornado irreversível, a leitura do texto mais denso parece ainda voltar-se para o papel ou demanda-lo. Há, por exemplo, livros digitais cada vez mais acessíveis por meio de inúmeros dispositivos tecnológicos, como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. Até mesmo equipamentos como os *e-readers*, dispositivos eletrônicos

ISSN 1986-6576 v.9 n.3 - Setembro, 2017. p. 68 - 77 – Inhumas/Goiás Brasil.

dedicados à leitura, têm avançado tecnologicamente para telas bastante similares ao papel, chamadas *e-ink* (tinta digital), que não refletem a luz e consomem pouquíssima energia. Contudo, isso tudo parece não ter abalado, por exemplo, a indústria do livro impresso ou as grandes redes de livrarias, que têm visto as vendas de livros impressos aumentarem significativamente nos últimos anos. Alguns segmentos de livros, inclusive, fortaleceram-se bastante nos últimos anos, como é o caso dos livros de arte – valorizados exatamente por atributos como diagramação, graficação e qualidade do papel. Características como portabilidade e legibilidade são pontos favoráveis ao texto impresso. Além disso, o texto em papel pode ser rasurado, anotado, dobrado, destacado. Sua visibilidade não depende de baterias ou de acesso à internet tampouco.

Em relação a como vêm se processando essas mudanças, Darnton (2010) explica que passamos por três fases distintas com o advento da publicação digital. Inicialmente e, talvez, ingenuamente, acreditávamos ser possível disponibilizar tudo digitalmente e deixar que os leitores se encarregassem de encontrar e ler esse material, adaptando seu processo de leitura ao novo suporte. O mais importante nesse primeiro momento era garantir acesso a conteúdo. Num segundo momento, descobriu-se que não era agradável ler um livro inteiro na tela de um computador. Por fim, na terceira fase, estamos chegando à conclusão de que o texto digital tem seu espaço garantido, porém não pode suplantar o texto impresso em outros tantos espaços.

Se somos capazes de perceber que o livro em papel não terá seu fim por enquanto, já não podemos fazer essa afirmação para o artigo científico nesse mesmo suporte. As pressões de ordem econômica, a sistemática da pesquisa científica, as exigências de órgãos fiscalizadores e reguladores e a dinâmica da quantidade de publicações como fator determinante de sucesso na carreira de um pesquisador parecem ser suficientes para digitalizar em definitivo os periódicos científicos. Por um lado, o texto não é publicado no seu melhor suporte para leitura individual. Por outro lado, ganha em acessibilidade e funcionalidade. Além disso, ainda conta com a possibilidade de ser impresso caso o leitor queira lê-lo nesse suporte.

As questões que podem ser levantada aqui são as seguintes: até que ponto o artigo digital não é um mero simulacro do artigo impresso? Em que medida não acabamos transpondo simplesmente um suporte a outro, sem levar em conta as inúmeras possibilidades que o meio digital permite? A maior parte dos periódicos científicos não responde adequadamente a essas perguntas. Seus repositórios são meramente espaços de publicação do

texto. Não há ferramentas de interação ou formas de visualização inovadoras do texto científico disponíveis nesses espaços. Vivemos, no que se refere aos estágios apontados por Darnton (2010) ainda um momento de resolução de divulgação de acesso e, numa primeira instância, contentamo-nos com a facilidade de encontrar os textos na internet. Porém, ainda não nos movimentamos no sentido de encontrar a melhor estrutura ou, até mesmo, o gênero textual mais adequado à tarefa de compartilhar conhecimento científico.

O ARTIGO CIENTÍFICO E O HIPERTEXTO

O artigo científico é um gênero de texto de predominância dissertativo-argumentativa, que apresenta uma série de vantagens para a comunicação científica em sua estrutura. Trata-se de um texto relativamente pequeno se o compararmos com outros textos monográficos como a dissertação e a tese. Sua organização básica argumentativa, com introdução, desenvolvimento e conclusão, permite apresentar e desenvolver argumentos rapidamente e com a relativa contextualização necessária. Além disso, elementos periféricos ao texto como o resumo e as palavras-chave, muitas vezes também disponíveis em outras línguas, permitem compreender do que trata o texto antes de lê-lo na íntegra, servindo como uma espécie de catalogação interna. Embora haja diversidade na extensão de um artigo, ele raramente fica abaixo das cinco páginas, avançando até cerca de vinte páginas, dependendo da área de conhecimento.

Enquanto o artigo se configura como um texto de profundidade, que exige atenção para acompanhar a linha de argumentação exposta pelo autor e poder estabelecer relações entre esses argumentos, a maior parte dos textos a que a população está exposta na internet são textos curtos e superficiais. Há, inclusive, inúmeras ferramentas de interação em que o microtexto é o padrão de produção. Se, por um lado, esse tipo de ferramenta pode permitir o desenvolvimento de estratégias de redução de informação, ela limita o tempo e o processamento de leitura do leitor comum. Outras características, próprias do espaço digital, como as hiperligações ou hiperlincagens (*hyperlinks*), em suas múltiplas relações (texto, som, imagem, vídeo, etc.), a multiplicidade de tarefas desempenhadas por dispositivos atuais (um exemplo são os *smartphones*), a temporalidade quase instantânea dos textos que circulam na rede são também fundamentais para explicar como a leitura sofre mudanças profundas nos últimos tempos.

O jornalismo pode nos ajudar a ilustrar um pouco essa problemática ao observarmos que um cidadão do século vinte e um tem, à sua disposição, um sem-número de fontes de informação, que vão do rádio, passando pela televisão, o jornal, chegando aos sites de notícias, blogs, redes sociais e toda gama de serviços baseados na internet. Uma notícia não é somente lida, pode ser assistida, acompanhada, comentada, compartilhada instantaneamente. A quantidade de informação gerada, consumida e descartada atualmente é gigantesca.

O processamento de informação a partir das tecnologias digitais se caracteriza por conexões múltiplas que subvertem uma estrutura de pensamento linear e racional a que estamos acostumados há muito tempo. Conforme Lajolo e Zilberman (2009), além da simultaneidade que a leitura e a escrita adquirem ao, por exemplo, ler e comentar uma notícia recente, a dimensão de profundidade é determinada pelo hipertexto. A leitura de um segmento de texto hiperlinkado a outro segmento que, por sua vez, conecta-se a outro segmento caracteriza o ato de ler na internet. Além disso, a instantaneidade é um fator relevante a ser considerado nesse processo.

O ato de ler, moldado na não linearidade do texto e em suas conexões, pode ser experimentado de modos distintos, como alerta Xavier (2005, p. 173):

Esse princípio não linear de construção do hipertexto pode tanto contribuir para aumentar as chances de compreensão global do texto, como também há o risco, e é bom que se diga, de essa falta de linearidade fragmentar o hipertexto de tal maneira a deixar o leitor iniciante desorientado e disperso. O uso inadequado dos links pode dificultar a leitura por quebrar, quando visitados indiscriminadamente, as isotopias que garantiriam a continuidade do fluxo semântico responsável pela coerência, tal como ocorre em uma leitura de texto convencional.

Embora conscientes da possibilidade de perder-se no hipertexto, como adverte o autor, sua capacidade de ampliação de escopo de leitura e de emancipação do leitor são características que merecem destaque. Como uma estrutura linear, dissertativo-argumentativa, de um artigo científico poderia se beneficiar de uma leitura hipertextual é o tipo de reflexão que deve ser levantada. Por enquanto, o que encontramos são ainda textos que simulam o impresso, disponibilizados em formatos de arquivo pouco maleáveis como o PDF. Os artigos estão na internet e disso se beneficia toda a comunidade científica – não há dúvidas. Contudo, isso não parece ser o bastante para tornarmos a leitura desses textos em sintonia com a configuração de leitura que já se faz presente em nossa vida.

Há que se pensar em novas formas de estruturação do artigo científico. O hipertexto deve fazer parte da produção do texto científico, uma vez que seu espaço privilegiado de divulgação é a internet. Os links devem ser estabelecidos não somente entre textos, mas também entre diferentes manifestações, como vídeos, gráficos, imagens, áudios, etc. Ainda, é necessário pensarmos um texto científico que possa ser lido com diferentes objetivos: saber do que trata; compreender integralmente o texto; aprofundar-se no assunto e fazer relações. Uma proposta para isso seria disponibilizá-lo em camadas ou versões, nas quais ao leitor seja permitido escolher se quer tomar contato com uma camada mais sucinta do texto, adequada para uma leitura mais rápida, ou ler a camada em que sua versão linear, tradicional, possa ser compreendida na íntegra ou, até mesmo, aprofundar-se numa terceira camada, em que todas as potencialidades da hipertextualidade estejam presentes e possam ser exploradas a fim de estabelecer relações com outros tópicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir brevemente a situação do artigo publicado em periódicos científicos em relação a seu acesso, ao suporte em que é publicado, ao processamento de sua leitura e a sua estrutura foi o objetivo do trabalho desenvolvido aqui. Sabemos que vivemos um momento de transição em que reflexões acerca do suporte e das formas de acesso ao conhecimento cientificamente construído são relevantes. Nessa perspectiva, faz-se necessário discutir o quão pertinente é um texto como o artigo para a ciência e de que forma a conjuntura atual científica o configura. O hipertexto parece ser uma possibilidade de ampliação de um gênero textual de significativa relevância como o artigo, mas que enfrenta desafios oriundos das transformações que a tecnologia e os hábitos advindos dela têm imposto ao ato de ler. Além disso, a própria estrutura do gênero merece ser repensada.

Conforme sua proposta, este trabalho buscou levantar um debate inicial que, para ser desenvolvido de forma adequada, demandaria mais aprofundamento teórico e discussão a partir da observação da realidade de produção de textos científicos em distintas realidades. Ademais, a experiência de leitura a partir do hipertexto é uma construção que parece ser um desafio de investigação científica de relevância ímpar para os estudos no campo da leitura. Observar esse processo e, com base nele, propor modelos que reconfigurem ou ampliem o artigo científico tradicional são propostas futuras interessantes para essa área de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias. Interação virtual e a autoria de artigos científicos: nos bastidores da produção acadêmica. **Educ. rev.** [online]. 2010, vol. 26, n. 3, pp. 387-406. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300020&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 jan. 2016.

BOMFA, Cláudia Regina Ziliotto; CASTRO, João Ernesto E. Desenvolvimento de revistas científicas em mídia digital: o caso da Revista Produção Online. **Ci. Inf.** [online]. 2004, vol. 33, n. 2, pp. 39-48. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a04v33n2>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

GARRIDO, Isadora dos Santos; RODRIGUES, Rosangela Schwarz. Portais de periódicos científicos online: organização institucional das publicações. **Perspect. ciênc. inf.** [online]. 2010, vol. 15, n. 2, pp. 56-72. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/943>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

MAHEIRIE, Kátia. O que vem a ser necessário e possível, hoje, nas publicações de periódicos científicos? **Psicol. Soc.** [online]. 2010, vol. 22, n. 3, pp. 419-421. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000300001>. Acesso em: 13 jan. 2016.

PACKER, A. L. et al. (Orgs.). **SciELO – 15 Anos de Acesso Aberto: um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica**. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org/local/File/livro.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

ROSA, Teresa da Silva; CARNEIRO, Maria José. O acesso livre à produção acadêmica como subsídio para políticas públicas: um exercício sobre o Banco de Teses da Capes. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos** [online]. 2010, vol. 17, n. 4, pp. 955-974. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000400007&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 jan. 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 170-180.

YAMAMOTO, Oswaldo H. Publish or perish: o papel dos periódicos científicos. **Estud. psicol.** (Natal) [online]. 2000, vol. 5, n. 1, pp. 3-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000100001>. Acesso em: 13 jan. 2016.

Artigo submetido em 14/03/2017 e publicado em 30/09/2017